

A experiência da inculturação da fé da Igreja Messiânica Mundial no Rio de Janeiro

The experience of the inculturation of the World Messianic Church faith in Rio de Janeiro

JAIR LUIS REIS*
BRENO CORRÊA MAGALHÃES**

Resumo: Fundada em 1º de janeiro de 1935, no Japão, por Meishu-Sama, a Igreja Messiânica Mundial (IMM) chegou ao Brasil na década de 1950 por meio da diáspora japonesa e, por cerca de dez anos, ficou circunscrita à colônia nipônica. Sua divulgação no Rio de Janeiro, a partir de 1964, torna-se um dos marcos da inculturação da fé messiânica e sua transformação de religião étnica para uma igreja inculturada à sociedade brasileira. Este artigo parte do conceito teológico de inculturação e, sobre esse alicerce, busca apresentar evidências de como isso ocorreu com os ensinamentos e práticas da IMM. Com o recorte histórico de 1964 a 1976, apresenta uma reconstrução do início das atividades de difusão do Johrei nesta cidade enfatizando o trabalho missionário de Tetsuo Watanabe, uma vez que sua maneira de difundir foi o diferencial que levou a Igreja a ter impacto na mídia, a formar um grande número de ministros sem ascendência japonesa e, com isso, ampliar a extensão territorial na qual a IMM do Rio de Janeiro atuou como responsável pela divulgação da doutrina.

Palavras-chave: Inculturação da fé. Igreja Messiânica Mundial. Tetsuo Watanabe. Johrei.

* Jair Luis Reis é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. E-mail: prof.jair@yahoo.com.br

** Breno Corrêa Magalhães é especialista em Ciências da Religião pela Faculdade de Santo Bento do Rio de Janeiro. Atualmente é responsável por uma unidade religiosa da Igreja Messiânica Mundial do Brasil. E-mail: magalhaes_breno@yahoo.com.br

Abstract: Founded on January 1st, 1935 in Japan by Meishu-Sama, the World Messianic Church (IMM) arrived in Brazil in the 1950s through the Japanese diaspora and for about ten years was circumscribed to the Japanese colony. Its dissemination in Rio de Janeiro, since 1964, becomes one of the milestones of the inculturation of the messianic faith and its transformation from ethnic religion to a church inculturated to Brazilian society. This article is based on the theological concept of inculturation and on this foundation seeks to present evidence of how this took place with the teachings and practices of IMM. With the historical stretch from 1964 to 1976, it presents a reconstruction of the beginning of the activities of diffusion of the Johrei in this city emphasizing the missionary work of Tetsuo Watanabe, since its diffusion was the differential that led the church to impact the media, to form a large number of ministers with no Japanese ancestry and thereby extend the territorial extension in which the IMM of Rio de Janeiro acted as responsible for the dissemination of the doctrine.

Keywords: Inculturation of faith. World Messianic Church. Tetsuo Watanabe. Johrei.

Introdução

A Igreja Messiânica Mundial (IMM) é uma religião de origem japonesa fundada em 01 de janeiro de 1935 por Meishu-Sama em Tóquio, Japão, com a denominação inicial Dai Nippon Kannon Kai (tradução literal: Associação Kannon do Grande Japão) (TOMITA, 2014, p. 25).

Há um importante componente histórico social que influiu na formação de algumas instituições contemporâneas à Messiânica, também denominadas de Novas Religiões Japonesas (NRJ). A hermenêutica de alguns ensinamentos destas religiões faz transparecer o pano de fundo da sociedade nipônica do final do século XIX e início do século XX, importante componente de alguns de seus posicionamentos doutrinário-filosóficos.

A divulgação de uma religião em outros ambientes culturais distintos daqueles que a originaram é um processo que entrelaça as convicções religiosas do missionário e do povo que o recebe, bem como produz efeitos naturais de hibridismo cultural posto que neste sentido religião e cultura estão intimamente relacionadas e esta não existe sem aquela. Ou seja, o constante diálogo entre as variadas culturas provoca uma influência mútua, contínua e ininterrupta.

A escolha pela “Inculturação da fé” como viés explicativo ao fenômeno da adaptação da IMM à sociedade brasileira poderá ser facilmente questionada uma

vez que existem muitas outras formas de abordagem desta questão. Poder-se-ia ter escolhido um mais sociológico, antropológico ou simplesmente histórico deste caminhar da IMM em seus primeiros anos de difusão no Rio de Janeiro, porém a abordagem teológica através da inculturação se sustenta porque ela enfatiza o transcendente presente em todo o processo, pois “a religião só se explicaria a partir de seu núcleo, a saber, da experiência do sagrado” (MIRANDA, 2001, p. 51).

Deste modo, um estudo sério sobre o fenômeno religioso trará sempre a teologia como componente essencial, sem prescindir naturalmente da necessária busca pela neutralidade da pesquisa científica, do contrário, haveria o risco de se produzir um discurso apologetico ou proselitista camuflado como estudo científico.

Por esta razão, a opção pela inculturação da fé visa a valorizar aspectos teológicos fundamentais como revelação divina e a hermenêutica bem como reconhecer, num país cristão como o Brasil, o valor da tradição católica e propor ao mesmo tempo que este conceito teológico possa ser interpretado dentro de outras tradições religiosas, como é o caso da teologia messiânica da IMM.

Nesse sentido, é mister uma clareza acerca da compreensão da inculturação da fé e os conceitos fundamentais nela implicados, isto é, a noção de revelação, hermenêutica, definição de cultura, fé, salvação e experiência de Deus. Em seguida, faremos uma breve exposição de alguns aspectos históricos do processo de desenvolvimento inicial da IMM na cidade do Rio de Janeiro, no intervalo dos anos de 1964 e 1976. Nesse período se destacam as contribuições e o papel central desenvolvido por Tetsuo Watanabe, missionário que realizou a difusão pioneira da Igreja Messiânica nesta cidade.

A partir desse fundo histórico-teológico visamos a apresentar elementos que sinalizam, a partir da difusão na cidade do Rio de Janeiro a IMM, uma experiência de “inculturação da fé” na sociedade brasileira. Foi no Rio que a inculturação se deu de modo mais efetivo como revelam o impacto da ação da igreja na mídia, o número de ministros não japoneses formados, a ampla extensão territorial da atuação da IMM do Rio de Janeiro.

1. Definições conceituais sobre Inculturação da Fé

O Transcendente se revela ao homem enquanto mistério, por meio das palavras e obras. A fé que procura se inculturar é aquela que reconhece esta condição

e busca, além do aspecto cultural presente em toda religiosidade, o divino revelado em meio à existência humana e que, portanto, torna a mensagem acessível a todos indistintamente.

1.1. O contexto cultural plural e o universo religioso

Caso um artista fosse, hoje, representar o planeta como uma grande obra de arte, por exemplo uma pintura, o estilo desta não seria do classicismo com a perfeita representação da realidade com os objetos de formas perfeitamente delineadas, com a clara distinção e contraste de claro e escuro. Certamente seria uma pintura impressionista ou algo ainda mais contemporâneo. Isto porque a modernidade aproximou de tal forma as nações e suas culturas que rompeu fronteiras, por vezes misturou matizes e criou um panorama multicultural, no qual “temos de aprender a conviver, respeitar e dialogar com o diferente, pois o universo cultural em que vivemos é, queiramos ou não pluralista” (MIRANDA, 2001, p. 9).

Tal fenômeno tem impacto direto sobre a vida humana, sobre a sociedade e a cultura. Não se tem mais a homogeneidade das sociedades tradicionais e isso impõe aos homens novos desafios. Neste cenário, as grandes religiões são desafiadas continuamente, em virtude da multiplicação de expressões do sagrado. Tal questão é perceptível inclusive nas instituições com longa tradição, como o cristianismo católico, como relata o professor da Universidade Católica de Milão Aldo Natale Terrin:

O tempo atual nos reserva surpresas bastante amargas, pois nos sentimos quase defraudados no que sentíamos ser uma segurança, um refúgio, uma última praia capaz de nos proteger contra o pluralismo invasor e efêmero das ideias que nos obrigam a caminhar sempre mais sobre a areia movediça do deserto (2003, p. 348).

Cabe, no entanto, o questionamento: o que pluralismo cultural e religioso de hoje tem a oferecer à sociedade atual? Que contribuições pode trazer em prol de um ser humano mais tolerante, compreensivo e generoso? Postas de lado as divergências de ordem doutrinária e ritual, pode-se encontrar uma grande riqueza na pluralidade que a contemporaneidade proporciona. Desta maneira no coração das religiões, onde pulsa o cerce da mensagem de Deus, que cada uma delas revela, a tradição passa a conviver com a diversidade espe-

cialmente quando esta instituição experimenta o trabalho missionário em espaços geográficos e culturais que não aqueles nos quais esta religião nasceu.

O trabalho missionário é, neste aspecto, o que se poderia definir como um verdadeiro laboratório da práxis religiosa, no qual podem, em dados momentos, confrontar-se realidades culturais aparentemente opostas: do missionário e do povo evangelizado. Estas, porém, jamais devem se contrapor, pois o respeito ao outro significa “reconhecer os outros naquilo que os faz diferentes” (METZ apud REIS, 2010, p. 29).

Como afirma Terrin (2003, p. 369), sobre a pluralidade religiosa de hoje, “reconhecer não significa partilhar e aceitar a realidade. É apenas um princípio de respeito e de atenção a tudo o que existe” que deve nortear uma reflexão religiosa. Isso em virtude de que nenhuma “cultura poderá servir de parâmetro, de regra, para outra. A imposição elimina na cultura o que a distingue, o seu diferencial, a sua identidade” (REIS, 2010, p. 29).

Inculturação da fé é um termo próprio mais comum na teologia católica e mesmo que seja um fenômeno tão antigo quanto a história do cristianismo, como conceito teológico ganhou maior importância a partir do Concílio Vaticano II. Isto porque é próprio dessa época na Igreja Católica uma maior valorização do ecumenismo e o respeito às diversidades presentes na própria instituição (MIRANDA, 2001, p. 26).

A seguir serão apresentados alguns temas pertinentes à inculturação como: revelação e hermenêutica e experiência de Deus, dados os aspectos importantes para a realização de uma autêntica experiência de fé inculturada.

1.2. Revelação

O primeiro conceito teológico, premissa a qualquer debate sobre a fé é o ato gratuito e primeiro de Deus ou transcendente, de revelar-se ao ser humano, ou seja, revelação “implica uma ação de Deus em favor do ser humano, que é por ele experimentada, sentida, captada e expressa” (Ibid., p. 16). Da vivência da revelação pelos primeiros cristãos, por exemplo, resulta o que se denomina fé: a resposta dos homens à ação salvífica de Deus. Naturalmente o que se percebe ao longo da história do cristianismo é que a experiência das primeiras comunidades cristãs transpôs os séculos no “esforço de gerações sucessivas de fiéis para permitir que aconteçam experiências salvíficas, encontros fecundos

com Deus, por parte de homens e mulheres vivendo outras situações existências, outras linguagens, outros desafios” (Ibid., p. 19). A revelação tem assim, por natureza, a essência de ser acolhida e compreendida por qualquer povo, pois embora expressa em uma cultura determinada não se subordina a nenhuma (Ibid., p. 16).

A Pontifícia Comissão Bíblica expõe a real preocupação da instituição católica com a justa leitura exegética e hermenêutica do livro sagrado para compreender o “mistério de união do divino e do humano, numa existência histórica” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1994, p. 13), ao afirmar que valorizar a diversidade das culturas significa reconhecer que a mensagem de Deus quando expressa em linguagem humana utiliza de cada língua “as nuances possíveis com uma flexibilidade extrema, e aceita-lhe igualmente as limitações” (Ibid., p. 15).

Do ponto de vista pragmático, a tradução de um texto para outra língua abarca desafios não apenas linguísticos, mas também culturais. No caso particular dos sagrados, a tarefa é ainda mais árdua uma vez que a essência divina revelada, ponto central da mensagem, não deve se perder ou ser modificada em detrimento de uma melhor adaptação a outro contexto cultural no qual “os conceitos não são idênticos e o alcance dos símbolos é diferente, pois eles colocam em relação com outras tradições de pensamento e outras maneiras de viver” (Ibid., p. 146). Negligenciar esta realidade seria promover a mera acomodação e não promover a inculturação desta fé à nova realidade.

1.3. A relevância da hermenêutica para a inculturação da fé

Como afirma Reis (2010, p. 40): “a dinâmica da inculturação é sumamente hermenêutica” e sua preocupação central “elucidar o significado original de um escrito ou algo passado por determinada tradição” (Ibid., p. 41). Enquanto fazer teológico trará, entretanto, um foco específico qual seja: a atualização da mensagem divina revelada e manifesta, no caso do cristianismo, em Jesus Cristo.

A revelação divina como premissa à teologia, seja ela cristã ou não, é ao mesmo tempo a possibilidade de o homem conhecer o mundo e a si próprio, razão de poder-se afirmar que “a linguagem sobre Deus e sobre sua autocomunicação está enraizada na realidade humana e no mundo” (Ibid., p. 44).

Deste modo, refletir sobre os textos sagrados e a experiência de Deus neles

contidos, vivência das primeiras comunidades cristãs, requer ao mesmo tempo uma hermenêutica ajustada e sensibilidade necessária para não distorcer o que é mensagem divina nas escrituras.

No presente, quando a diversidade cultural pode se apresentar tão vividamente no cotidiano, é impossível ao indivíduo que este não se abra ao diálogo com o outro. À teologia cabe “estar aberta ao pluralismo de expressões e à alteridade irreduzível de tantas formas de crer, de conceber e do próprio viver” (Ibid., p. 42), sem que isto pese à tradição religiosa fazer seu papel de mediar, no caso da inculturação da fé, a tradução do texto sagrado para outra época e cultura.

Neste sentido, ao que interessa a inculturação da fé, um apropriado estudo das culturas, propicia não somente o enriquecimento e esclarecimento do texto sagrado, mas também abre portas ao diálogo e compreensão do fenômeno da interrelação cultural. Cabe assim, melhor definir o termo cultura a partir da antropologia cultural.

1.4. Definição de cultura

Conceituar o que parece tão óbvio não é algo tão simples, razão esta de serem tão vastas as definições bem como o número delas. Com particular destreza, o antropólogo americano Clifford Geertz sintetiza que “Cultura é o modo de vida global de um povo; o legado social que o indivíduo adquire de seu grupo; uma forma de pensar, sentir e acreditar; uma abstração do comportamento” (GEERTZ apud MIRANDA, 2001, p. 43).

Neste sentido, numa perspectiva antropológica, estudar uma cultura “significa identificar as significações, partilhadas por todos de um grupo social, que se encontram incorporadas à ação deste grupo, mesmo que delas não tenham uma consciência reflexa” (MIRANDA, 2001, p. 45). Assim como o ar tão necessário à existência, mas quase nunca sequer notado pelo homem que o inspira e expira continuamente, “a cultura é a ‘condição humana originária, o ‘chão em que pisamos’” (REIS, 2010, p. 25), sem a qual a vida em sociedade não seria possível.

Há, entretanto, de se perceber que enquanto sistemas, as culturas, sejam elas quais forem, estão em permanente adaptação mediante condicionantes extremos como fatores socioeconômicos ou o contato com outros contextos existências. Curiosamente o termo cultura na língua japonesa é representado

por dois kanjis¹ (文Bun, 化² Ka) dos quais o segundo representa algo em estado de mudança, transformação. Esta referência à etimologia da palavra no japonês traz à tona o conceito de temporalidade da cultura, ou seja, ela é produto e ao mesmo tempo matéria prima do que será no futuro, próximo ou distante, o fruto da relação social humana, da genialidade de indivíduos, da criatividade do gênero humano.

Logo, ao mesmo tempo em que é possível encontrar o condicionamento humano refletido em sua coletividade na linguagem, na arte, nos mitos, ritos, nas festas, danças e na religião, é igualmente possível “constituir-se tipologias e modelos comuns a várias culturas” (PONTIFICA COMISSÃO BÍBLICA, 1994, p. 70). Em certos casos o exercício hermenêutico deve apontar o necessário caminho de reinterpretação e ajuste de uma mensagem salvífica em um novo contexto, no qual sua essência possa eventualmente não transmitir plenamente seu conteúdo de modo a preservar a manifestação divina revelada em sua essência ao povo que originalmente a recebeu e experienciou.

1.5. A experiência de Deus

A religiosidade se baseia, a priori, em uma experiência de Deus, ou transcendente, sendo a fé a expressão do ato de fé que nasce como fruto deste contato com o Sagrado. Desse modo, há uma dupla natureza de liberdade, isto é, de Deus que “oferece-se livremente em seu projeto salvífico e ao fazê-lo confere à pessoa a possibilidade ontológica de recebê-lo”. Neste sentido “a fé é sempre resposta a um gesto prévio de Deus, sem o qual ela não existiria”. (MIRANDA, 2001, p. 49). Daí ser que “o homem direta ou indiretamente está à procura do divino e do eterno, que a sua sede não se satisfaz neste mundo” (TERRIN, 2003, p. 352).

Eis porque “a experiência religiosa deve ter sempre a capacidade de criar um *novum* que supere o social e o cultural para se projetar em direção ao transcendente” (Ibid., p. 373). Este é o desafio permanente de qualquer religião. Na inculturação da fé há uma reprodução da experiência religiosa funda-

¹ Linguagem escrita oriunda da China o kanji é uma representação simbólica e não apenas fonética utilizada também no Japão. Cada ideograma possui isoladamente um sentido e significado que pode ser utilizado junto a outros kanjis compor novas palavras e sentidos.

² Segundo o dicionário online 化 (ka) significa: change, take the form of, influence, enchant, delude, -ization. Ou seja, é um ideograma utilizado para expressão o sentido de mudança, transformação, algo que esteja em estágio transitório. Disponível em:< <http://jisho.org/search/%E5%8C%96>>. Acesso em: 21 set. 2017.

mental em um novo contexto histórico (REIS, 2010, p. 42), pois “sem esta não há mensagem a ser inculturada” (PERSPECTIVA TEOLÓGICA apud REIS, 2010, p. 44). Embora não seja simples determinar o que seja a experiência a que tanto se fez menção aqui, Miranda assim a define: “trata-se de uma percepção direta de algo, que provoca grande certeza fundada numa evidência específica. Naturalmente essa percepção tem sua dimensão intelectual, mas por si, implica todo o ser humano (inteligência, vontade, sentimentos, imaginação, corporeidade) (2001, p. 67).

A experiência religiosa em particular tem em si a potência de levar o homem “à ação; dotada de um imperativo próprio, faz com que a pessoa reorganize em torno de si os demais aspectos de sua vida” (Ibid., p. 70) nesse encontro com o divino.

Abrindo-me à realidade do outro, percebo algo de seu “mundo”, de seu contexto de pensamento, de seu fundo histórico, de sua problemática e de sua linguagem. Com isso me aproximo de seu horizonte, enriquecendo o meu próprio. Não se pode falar propriamente de uma “fusão de horizontes”, pois jamais irei apreender todos os componentes, mesmo implícitos, do horizonte alheio (Ibid., p. 79-80).

No caso da IMM a experiência que irá fundamentar todo processo de inculturação serão as vivências de transformação de vida alcançadas com o Johrei³ e os ensinamentos por aqueles que nela ingressam.

2. A experiência de inculturação da fé na IMM no Rio

Segundo Peter Clark a IMM, assim como a maioria das NRJ, é um movimento que “manifesta um milenarismo⁴ forte no sentido sociológico do termo”,

³ Johrei é um método que “consiste em outorgar às pessoas um papel onde está escrita a letra hikari (光), que significa ‘luz’. Os efeitos se manifestam quando este papel é colocado junto ao peito, como um objeto de proteção. Isso acontece porque da letra hikari se irradiam poderosas ondas de luz, que são transmitidas do corpo, através do braço pela mão de quem ministra Johrei” (MEISHU-SAMA, 2016, p. 143).

⁴ Segundo Peter Clark a IMM, assim como a maioria das NRJ, é um movimento que “manifesta um milenarismo forte no sentido sociológico do termo” por mostrar características como: “1) a crença de que a felicidade do paraíso será vivenciada pelos fiéis como uma coletividade; 2) que o paraíso será terrestre, ou seja, que será realizado na terra e não em algum outro mundo; 3) que é iminente e deve chegar logo e subitamente; 4) que é total no sentido que a terra não será somente mudada mas completamente transformada; 5) que a transformação completa será efetuada por qualquer forma de intervenção divina”. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2002/t_clarke.htm>. Acesso em: 03 ago. 2017.

deste modo, propõe a reforma da sociedade em seus vários aspectos tendo por finalidade edificar o Paraíso Terrestre, expressão que segundo seu fundador, Meishu-Sama (1882-1955), “se refere ao mundo ideal, onde não existem doença, pobreza e conflito”. Para tanto “cria e difunde uma cultura espiritual em interação com o desenvolvimento da cultura material” baseando-se em três práticas principais denominadas “colunas de salvação”: Johrei, Agricultura e alimentação natural e o Belo (2016, p. 11).

Em virtude desta natureza que anseia o bem comum, sua missão tem, ao menos como intenção, tornar seus ensinamentos e práticas acessíveis a toda a humanidade tendo início a difusão da IMM para além das fronteiras nipônicas na década de 50. Inicialmente foram enviados, por desígnio direto do fundador, os ministros Kiyoko Higuti e Haruhiko Ajiki para os Estados Unidos da América (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 2003, p. 208-210).

No Brasil há relatos de fiéis que migraram com fins de trabalho nos anos de 1953 e 1954, porém somente no ano seguinte, após o falecimento de Meishu-Sama, chegaram os primeiros missionários em junho de 1955. Diferentemente do que ocorrera nos EUA o, à época, ministro Nobuhiko Shoda e o missionário Minoru Nakahashi vieram movidos unicamente pelo sentimento de propagar o Johrei e os ensinamentos sem um apoio oficial da IMM do Japão que estava se reestruturando após a ascensão do fundador (TOMITA, 2014, p. 56-60).

Tomita (Ibid., p. 55) classifica o período inicial de expansão no Brasil como “difusão pioneira multifacetária”, de 1954 a 1964, assim denominada por caracterizar-se pelo esforço dos pioneiros em propagar a IMM entre a diáspora nipônica sem que houvesse uma unidade doutrinária e plano missionário comum, ou seja, possuía múltiplas faces. Desde modo foram instauradas as primeiras igrejas nas cidades de Curitiba, Londrina e São Paulo.

Os primeiros ministros, oito jovens missionários, oficialmente enviados pela sede geral da instituição só aportaram em Santos em 1962. Entre eles estava Tetsuo Watanabe, à época com 21 anos. Inicialmente ele permaneceu na igreja do Butantã em São Paulo onde recebeu a incumbência de “cuidar dos messiânicos que não eram descendentes de japoneses” (Ibid., p. 43). Nestes dois anos iniciais foram plantadas muitas sementes por Watanabe com a formação de fiéis sem ascendência nipônica.

Se não me engano, naquela época, só havia dois ou três membros brasileiros; os demais eram japoneses. Depois de dois anos, já eram quase 700 membros brasileiros. Mas eu não os encaminhei sozinho, não. Foram os dez, vinte primeiros que eu formei que foram encaminhando e formando novos membros (WATANABE apud TOMITA, 2014, p. 75).

Em julho de 1964, Watanabe é designado para fazer a difusão pioneira no então estado da Guanabara. Instalou-se inicialmente na região portuária da cidade, precisamente na Praça Mauá. “Dormia numa pensão que ficava em cima de um restaurante. No quarto pequeno, cabiam apenas uma cama, uma mala e ele” (BARBOSA, 1997a, p. 11). E através das inúmeras dificuldades enfrentadas inicialmente, sejam as financeiras, as de comunicação pelo não domínio da língua portuguesa e especialmente a resistência dos cariocas ao recebimento do Johrei, Watanabe viu suas convicções abaladas até que a “torneira dos milagres” (WATANABE, 2015, p. 76) abrisse novamente com o milagre obtido pela assistência prestada a um jovem que se acidentara e fora internado no hospital Marcilio Dias. Como ele mesmo definiu “uma das maiores graças que Meishu-Sama realizou em minha vida. Aumentou a minha fé no Johrei no momento em que eu mais precisava” (Ibid., p. 77).

A partir deste momento números milagres ocorreram até que Watanabe conseguisse enfim estabelecer um endereço de residência e atendimento. Nascia a primeira igreja messiânica do Rio de Janeiro: Rua Santa Luzia, 414 (Ibid., p. 87). As graças obtidas através do Johrei, especialmente as curas de doenças, foi o que inicialmente impulsionou um grande número de pessoas a buscarem a IMM propiciando um crescimento progressivo no número de fiéis.

Em 1967 é adquirido, com recurso de doações, festas e rifas, um imóvel no bairro do Grajaú a fim de edificar a primeira sede própria no Rio de Janeiro que foi inaugurada em 17 de janeiro de 1969, sexta-feira, data do culto de entronização da imagem da Luz Divina. (BARBOSA, 1997b, p. 11).

Nos primeiros anos da década de 1970, Watanabe concentra esforços em um novo objetivo e institui cursos em diversos níveis para instrução religiosa dos membros tendo em vista a formação de missionários nativos capazes de propagar a fé messiânica. Como fruto deste empenho indica ao seminário, em 1971, para a primeira turma do seminário de formação sacerdotal enviada para o Japão o jovem Júlio Barbieri Junior único dos cinco integrantes que a compunham que não possuía ascendência nipônica (TOMITA, 2014, p. 73).

Paralelamente, Watanabe recebe da sede central da IMM a responsabilidade de divulgação da doutrina pelo norte, nordeste e centro-oeste do Brasil,

trabalho este iniciado basicamente por membros formados no Rio de Janeiro que se mudaram para outros estados por motivos diversos (Ibid., p. 74). Pelos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara foram abertas igrejas em diversas localidades, ampliando o trabalho missionário de assistência com o Johrei e colhendo como fruto deste trabalho a formação, em 1974, de 10 ministros sem ascendência nipônica. (O ENCONTRO..., 1974, p. 7).

O vertiginoso crescimento da difusão da fé messiânica no Brasil e em inúmeros países latino-americanos fez com que fossem criadas novas bases para organização e estrutura da IMM no continente. Assim, no dia 07 de setembro de 1976, é criado o CENDAL – Centro de Difusão da Igreja Messiânica Mundial para a América Latina. Para a presidência foi nomeado o reverendo Hirata, até então responsável maior pela IMM no Brasil. Em virtude disso, nesta mesma data, reuniu-se o Conselho Deliberativo da Igreja que, por unanimidade, elegeu o reverendo Tetsuo Watanabe como presidente da IMM no Brasil. Watanabe, que desde o princípio “concentrou esforços na divulgação entre os brasileiros” (YAMAMOTO apud TOMITA, 2014, p. 74) e acabou por se destacar entre seus colegas ministros japoneses. Como vice-presidente foi escolhido o reverendo Yamamoto (CRIADO..., 1976, p. 3).

Após esta breve descrição do início da IMM no Rio de Janeiro, apresentaremos elementos que sinalizam para a inculturação da fé messiânica a partir da experiência de difusão pioneira empreendida por Watanabe.

2.1. A difusão da IMM pelo Norte e Nordeste

Tomita (2014, p. 55), em sua pesquisa sobre o processo de integração cultural e religioso da IMM no Brasil, propõe uma ordenação em 5 fases⁵ de divisão de períodos de anos das atividades da Messiânica no Brasil das quais as duas iniciais dizem respeito ao recorte histórico desta pesquisa:

1. “Difusão pioneira multifacetária (1954-1964);
2. Instituição legal da Sede Central e abertura de frentes de expansão em território nacional (1964-1975).

Realizando uma comparação simples entre o trabalho de abertura de

⁵ Além das duas fases já mencionadas, Tomita denomina assim as demais: 3) Diversificação das atividades da IMMB (1976-1984); 4) Construção e inauguração do Solo Sagrado do Brasil / Pós construção (1985-2000) e 5) Implantação do sistema de Johrei Center e Centralização no Trono de Kyoshu (4º Líder Espiritual) – (a partir de 2000 até os dias atuais).

Casas de Reunião ocorrido nestas duas fases acima mencionadas fica nítida a importância do trabalho missionário de Watanabe na inculturação da fé messiânica, afinal, foi a partir de missionários e ministros formados por ele, quase que em sua totalidade pessoas não nipônicas, que a IMM se expandiu em velocidade bem mais intensa que na fase multifacetária, ou seja, fase na qual a divulgação ficou praticamente restrita a japoneses ou descendentes.

Enquanto “a década de (19)60 foi marcada pela constituição de algumas igrejas: no Paraná, a Igreja Londrina e em São Paulo – Igrejas Brás, Glória, Liberdade e Paulista, além de vários núcleos iniciados pelos membros messiânicos” (TOMITA, 2014, p. 70), a fase seguinte, a partir de 1964 com vinda de Watanabe para o Rio de Janeiro, foi marcada em igual período de tempo, ou seja, nove anos, pela fundação das Casas de Reunião ou lares de membros promovendo atividades por diversos Estados do país. Ainda segundo Tomita:

Entre 1964 e 1973, através do envio de jovens missionários e/ou membros messiânicos (não necessariamente japoneses ou de ascendência japonesa) que se mudam para regiões mais distantes do país, iniciaram-se vários pontos de expansão da religião em território nacional (2014, p. 73).

Desta forma a Igreja Rio de Janeiro, sob o comando de Watanabe, foi a principal responsável pela expansão da fé messiânica pelo Norte, Nordeste e Centro-oeste do Brasil, o que pode ser comprovado pelas matérias sobre o desenvolvimento da difusão no Norte e Nordeste, registros encontrados com frequência no periódico *Jornal Messiânico* como a matéria de abril de 1973 cujo título era “Grande expansão da Messiânica no Nordeste”. Nela Watanabe explica como se desenvolvia o trabalho através de membros outorgados no Rio de Janeiro, que ora por razões profissionais, ora por regressarem à origem familiar, tornaram-se os pioneiros da fé messiânica nas principais cidades Nordestinas. (GRANDE..., 1973, p. 3).

Em 1974, já tendo as bases sido constituídas, a sede central designou jovens ministros para dar assistência a estas regiões. A responsabilidade de todo o trabalho missionário passara à incumbência do reverendo Katsumi Yamamoto que realizava as outorgas da Luz Divina e entronização das imagens de Deus. A divulgação em Manaus, que ainda estava em estágio inicial, ocorre basicamente através de reuniões e atividades de Johrei na casa de sra Clélia, sr. Teixeira e srta. Graça. Porém, nos dias 20 e 21 de março, Watanabe, cumprindo promessa feita a sra. Clélia, foi a Manaus e ministrou aula para formação dos primeiros messiânicos do Amazonas, aos quais foi outorgado o Ohikari,

medalha da Luz divina, pelas mãos do reverendo Yamamoto em 2 de abril de 1974 (A LUZ..., 1974, p. 8).

2.2. A formação de um corpo sacerdotal de nativos

A direção da IMM no Brasil sempre demonstrou seu propósito de estabelecer bases concretas para divulgação do Johrei e dos ensinamentos. Para tanto, uma das condições requeridas, segundo o entendimento desta, era a formação de um corpo sacerdotal de brasileiros. Ainda no ano de 1969, por ocasião da realização do primeiro congresso de jovens messiânicos no então estado da Guanabara, dentre os pontos que foram debatidos pelos presentes, sob orientação de Júlio Barbieri Junior, diretor social do Seinen Kai, sobressai o questionamento: “Qual a maior dificuldade na formação de missionários brasileiros?” (A GUANABARA..., 1969, p. 24). Esse tópico em especial ao apresentar-se como tema de debate do grupo permite perceber a preocupação e interesse existem por parte da instituição de promover uma integração de nativos a seu corpo sacerdotal.

Anos mais tarde, Júlio Barbieri Júnior, integrante da primeira turma do seminário, regressou ao Brasil, agora já como ministro da IMM, e, durante apresentação do grupo no culto de agradecimento na sede central, relatou a experiência vivida no Japão durante os 2 anos de formação que envolveu estudos sobre a língua e a cultura nipônicas bem como sobre a doutrina no original e as atividades de difusão. Ao final de seu relato o jovem ministro reafirmou o que era uma das orientações da direção na época:

Desejamos ainda que outros jovens como nós, recebendo a permissão de Deus, possam merecer a oportunidade que nos foi concedida, ajudando-nos, dessa forma, a concretizar as palavras do reverendíssimo Nakano: ‘O Brasil precisa ser salvo por brasileiros’ (BARBIERI JÚNIOR, 1973, p. 6).

A expressão “O Brasil precisa ser salvo por brasileiros” pode soar como um chavão para motivar os membros que realizam no cotidiano o trabalho essencial de assistência de Johrei e divulgação da doutrina e, recorrendo-se a Miranda (2001, p. 145) que afirma “que os agentes da inculturação da fé devem ser os próprios fiéis que vivem numa determinada cultura”, se compreende sua real significância.

Por isso o compromisso da IMM com a formação de um corpo de sacerdotes brasileiros afirmava-se nitidamente tanto assim que esta oportunidade

de aprendizagem no Japão tornava-se extensiva a um outro grupo de missionários que não passaram pela formação do seminário. Na IMM também são outorgados com o título de ministros pessoas que pelo reconhecido empenho em suas dedicações em prol da Obra Divina demonstrem possuir certas qualificações estabelecidas pela instituição.

Nesta outra via, buscando a integração dos brasileiros ao corpo sacerdotal da instituição e sua ligação com a Sede Geral do Japão, realizaram-se em Atami desde 1973, “no Solo Sagrado, um programa especial de aprimoramento para os ministros, sob a direção do Gabinete Educacional. Desse programa, já participaram diversos ministros, inclusive brasileiros” (YAMAMOTO, 1975, p. 2).

2.3. A tradução dos ensinamentos e a integração cultural linguística

Naturalmente, a necessidade constante de intérprete se tornava um impedimento à melhor integração da IMM à cultura brasileira. Neste sentido, é preciso reconhecer o incomensurável esforço dos pioneiros que se dedicaram à tradução das orientações e dos ensinamentos do fundador. O reverendo Nobuhiko Shoda, primeiro ministro que veio em missão religiosa ao Brasil, no Culto do Natalício do fundador realizado em 23 de dezembro de 1968, reconhece esta necessidade e quanto ainda se estava naquela época alguém do desejado por todos.

Mas, a situação atual é a de que mesmo os prédios da Sede Central e das Igrejas ainda são provisórios. Além disso, pela falta de assimilação do idioma português, por parte dos ministros, não nos foi possível ainda, transmitir verdadeiramente os ensinamentos de uma forma tal que pudessem ser realmente compreendidos pelos senhores. Foram por assim dizer, obstáculos naturais e compreensíveis, mas que precisamos vencer o quanto antes possível (SHODA, 1969, p. 12).

Os missionários pioneiros não estavam cegos à realidade da inculturação e ao exercício hermenêutico. Na revista *Glória* encontra-se uma preciosa matéria que evidencia esta necessidade, ou seja, a tradução cultural dos ensinamentos.

Ele, nosso Mestre, não se recusou a viver em toda a sua plenitude a sua condição humana, dentro das condições do momento histórico que incarnou. Alguns dos seus ensinamentos nos falam do poder da palavra falada, da mesma maneira como nos falam sobre a palavra escrita.

Foi procurando seguir os ensinamentos de Meishu-Sama que resolvemos manter um sistema de comunicação escrita. A este, esperamos que possa seguir um áudio visual.

O ano passado, a Igreja publicou um primeiro volume, intitulado “O alicerce do Paraíso”, dos ensinamentos de Meishu-Sama. Este ano, publicou “Tornemo-nos dignos do amor de Deus”, com textos de Meishu-Sama, Nidai-Sama e Kyoshu-Sama, além de vários testemunhos de seguidores da filosofia religiosa messiânica. Todos estão esgotados e no momento está sendo realizada uma revisão para a segunda edição. Outras obras, inclusive de exegese, serão publicadas, além da tradução de outros ensinamentos.

Fazia-se, porém, necessária uma aproximação permanente e constante com os messiânicos do Brasil. Por isso foi fundada a revista Glória (COMUNICAÇÕES, 1969, p. 8-9).

Na fase inicial da IMM no Brasil, “Difusão pioneira multifacetária” (1954-1964) e “Instituição legal da Sede Central e abertura de frentes de expansão em território nacional” (1964-1975), denominações adotadas por Tomita (2014, p. 55), a direção da instituição necessitou conciliar o trabalho com nativos e com os japoneses, pois havia nipônicos ainda não plenamente integrados à cultura brasileira, com dificuldades inclusive linguísticas, como percebemos em algumas matérias de periódicos da IMM:

Procurando buscar na cultura um modo mais amplo de melhor aproximação entre os seus semelhantes, iniciou-se na IMM de Santos, a primeira aula de conversação em idioma japonês. (...) Os integrantes da 1ª turma, bastante animados e confiantes, estudam com entusiasmo, na esperança de um dia tornarem-se ainda mais úteis ao próximo” (AULA..., 1968, p. 27).

A afirmativa final deixa transparecer a importância dada pela IMM na época quanto à fluência no idioma japonês, como ferramenta necessária para a formação do elemento humano útil à Obra Divina. Ao mesmo tempo iniciativas como estas, deixam claro o esforço em mão dupla por uma aproximação cultural tão importante no processo de inculturação da fé.

Outra matéria releva a face oposta deste processo, uma vez que havia um grande número de fiéis japoneses ou descendentes destes, os quais não dominavam bem o idioma, razão clara da necessidade de aulas da língua portuguesa. Outro ponto que o artigo revela é o esforço que os missionários, que lidavam com os membros japoneses, precisavam fazer no sentido de os

integrar à cultura brasileira. Nesse sentido, eles também trabalharam arduamente pela inculturação da fé messiânica no Brasil. Sob o título, “aulas de português para os messiânicos”, encontramos o relato feliz de uma professora de português:

Algumas senhoras japonesas, sentindo dificuldades em compreender a língua portuguesa, pediram-me para que as auxiliasse. Prontamente coloquei-me a disposição delas, e com o consentimento do ministro Yamamoto, iniciamos esta tarefa que, no meu modo de ver, é também um sublime servir. Graças aos esforços, juntamente com o entusiasmo e a boa vontade que todas demonstram, conseguimos, num breve tempo, grande progresso como: ler e escrever com desembaraço e se Deus quiser, muito breve, conversarmos corretamente em português (MARTINI, 1972, p. 2).

Mas o que poderia tratar-se de iniciativas pontuais ou isoladas ganhava a concretude de uma atividade envolta em planejamento e atenção da direção da IMM, o que é percebido nos registros de publicações do jornal institucional, a exemplo de palestras realizadas simultaneamente, na Sede Central em São Paulo, no 24 de novembro de 1974, dividindo-os em japoneses e brasileiros, sob as orientações do reverendo Yamamoto e do reverendo Watanabe, respectivamente, para cada um dos grupos (OS ENSINAMENTOS..., 1974, p. 6).

Há registros de novos encontros neste formato em 5 de março de 1975, tendo como palestrante para os brasileiros sempre Watanabe. Estas notícias demonstram estar ainda em processo a inculturação da fé messiânica no Brasil (APRIMORAMENTO..., 1975, p. 6).

2.4. A Igreja Rio de Janeiro como modelo de difusão

A exemplo deste trabalho pioneiro de difusão do Johrei por outros estados, a Igreja do Rio de Janeiro desenvolvia outras atividades que gradualmente ganhavam o status de referência frente as demais unidades da IMM no Brasil. O envolvimento e a dedicação dos jovens no cotidiano da igreja foram temas de matéria do Jornal Messiânico que enaltecia o fato de no Rio de Janeiro estes estarem envolvidos nos principais setores da instituição em importantes atividades (ESTES..., 1973, p. 7).

Naturalmente os resultados diferenciados alcançados no Rio de Janeiro geravam curiosidade e interesse nos ministros de outras localidades e até mesmo entre os próprios membros. Assim algumas destas igrejas realizaram

caravana, como a da Igreja Liberdade em São Paulo, que fez uma visita para ter atividades de aprimoramento com os messiânicos do Rio de Janeiro (IGREJA..., 1973, p. 5) ou a de jovens de Moji das Cruzes e São José dos Campos durante o feriado da semana santa de 1974 (PARTEM..., 1974, p. 6).

Mas a Igreja Rio de Janeiro ganha evidência também pelo fato de ter obtido, desde seu princípio, um razoável espaço na mídia pública da época como as já mencionadas revistas *Cruzeiro*. Algumas pessoas públicas ao se tornaram membros da IMM impulsionaram ainda mais, como foi o caso dos jogadores de futebol Chiquinho e Rogério, atletas que integraram a seleção brasileira. Chiquinho sobretudo apareceu em diversas matérias de jornais e revistas falando de sua fé. No *Jornal Messiânico* não poderia ser diferente e, em 1973, estamparam, Rogério e Chiquinho falando sobre a peregrinação que haviam feito ao Japão para conhecer os Solos Sagrados da IMM. (DA VIBRAÇÃO..., 1973, p. 6).

2.5. Repercussão para a IMM a partir da imprensa carioca e as experiências vividas com o Johrei

A consulta a periódicos das décadas de 1960 e 1970 constituiu uma importante ferramenta de pesquisa não apenas como fonte histórica que permitiu apurar datas e fatos, mas também perceber estatisticamente a expressividade do trabalho que ocorreu por Watanabe no Rio de Janeiro. Utilizando como fonte de pesquisa a hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, entre periódicos editados no país no período de 1960 a 1969, por exemplo, há 20 ocorrências com a palavra “Johrei”, sendo notadamente expressivo o fato de 19 destas terem ocorrido em periódicos do Rio de Janeiro e apenas 1 em reportagem do *Diário do Paraná*⁶. No caso das matérias publicadas na imprensa carioca ganhou destaque a já mencionada edição 35 da revista “*O Cruzeiro*” de 02 de junho de 1968 que trazia o título “Johrei – Cura sem remédios” que falava sobre o milagre da cura de leucemia da jovem Lucinha”.

Curiosamente, por mais que todo o acervo da Biblioteca Nacional não esteja digitalizado e disponível para consulta pelo site da hemeroteca, na década anterior, período que a IMM só havia se estabelecido praticamente em locais com colônia de nipônicos (São Paulo e Paraná), não há registros de ocorrência do termo “Johrei”. Outra expressão utilizada foi “Igreja Messiânica” da qual não há registros no período de 1950 a 1959, de 1960 a 1969, no entanto,

⁶ Consulta disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

há 34 ocorrências sendo 2 do “Dário de Notícias” do RS, 5 do Diário do Paraná e as demais 27 em periódicos diversos do Rio de Janeiro.

A primeira notícia com o título “Seita que cura sem remédio atende diariamente 350 doentes no Rio de Janeiro” foi publicada no Jornal do Brasil em 27 de novembro de 1965⁷, poucos meses após a abertura da primeira unidade da IMM no Rio de Janeiro, a casa de Johrei da rua Santa Luiza. Nela é feita uma breve explicação sobre os propósitos da IMM e dada especial ênfase ao fato de membros da igreja relatarem já ter ocorrido “várias curas de câncer e de moléstias nervosas”. Como o Johrei é uma manifestação de Deus, nada é cobrado e estes fatos fizeram com que houvesse um crescente número de pessoas que buscassem a IMM. “A grande procura obrigou Watanabe a somente distribuir fichas de atendimento a 350 pessoas por dia”.

Os ensinamentos do místico japonês foram acolhidos por muitos, que se tornaram seus seguidores. Muitos outros, porém, mesmo sem se converterem em adeptos da nova religião, têm buscado a cura de suas doenças – tidas como incuráveis – por intermédio do Johrei. E vários destes testemunham a sua cura (FERREIRA, 1966, p. 22).

Em 1968 esta mesma revista publica nova reportagem que causou igualmente grande repercussão, ao menos assim noticiava a publicação no periódico institucional Glória:

A reportagem publicada na revista “O Cruzeiro”, de 12 de outubro de 1968 que versou sobre o Movimento Messiânico Mundial, sob o título: “O Paraíso aqui mesmo na Terra” e “Johrei, a síntese do bem”, suscitou grande interesse em todas as partes do Brasil, tanto no norte como no sul. Demonstram-no as inúmeras cartas que tem chegado a Sede Central do Brasil, e que, oportunamente, publicaremos na revista “Glória” (CORRESPONDÊNCIA, 1968, p. 34).

Como pode ser percebido nas matérias citadas acima em ambas é dada ênfase à ação de cura provocada pelo Johrei naqueles que o praticam. Esta vivência é o que se pode denominar de experiência salvífica. Como explica Miranda (2001, p. 75), “a luta pela inculturação da fé é a luta para não deixar o evento salvífico Jesus Cristo ser reduzido a expressões verbais ou afirmações doutrinárias”. Neste sentido a fé se torna viva e plena de sentido se, ao mesmo tempo que alimenta o indivíduo, a experiência de salvação proporcionada pela ação divina, no caso da IMM pelo Johrei de seu fundador Meishu-Sama,

⁷ Consulta disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

gerar o desejo de tornar-se igualmente um instrumento de propagação da Luz Divina e do ideal de construção do Paraíso Terrestre.

Na publicação da revista Glória encontra-se em uma carta dirigida ao Maestro Wolf Schaia, redator chefe da revista, o relato do jornalista Sylvio Malheiros, membro da Guanabara, que explica as razões que o levaram a ingressar na IMM e qual sua sensação em servir como fiel desta, o que por sua vez reforça o exposto acima.

Sempre tive vontade de servir, de ser útil, de prestar benefícios a alguém, dentro de minhas possibilidades, evidentemente. A Messiânica permite a realização deste ideal. Dentro dela sente-se que está dando alguma coisa a alguém. É atuante. É uma igreja que é feita por seus seguidores que não são meros espectadores, mas realizadores da obra, partes integrantes da missão atribuída ao Mestre Meishu-Sama e isso dá – pelo menos a mim – uma noção de responsabilidade, uma satisfação de dever cumprido, uma alegria de ir à igreja para realizar e não apenas para ver. Sinto-me como membro que sou útil, que sou usado por Deus, para servir a sua Obra e a seus filhos, meus irmãos. Ser membro messiânico é fazer e fazer bem (MALHEIROS, 1968, p. 39).

Considerações conclusivas

Com último olhar, nossa reflexão se voltará para a relação da IMM com diferentes diálogos inter-religiosos. Tal fato já é perceptível na fase inicial da difusão da IMM no Brasil, quando o corpo sacerdotal era exclusivamente formado por japoneses e havia uma nítida busca pela integração com a linguagem religiosa dos brasileiros, ou seja, com o cristianismo. Assim, se de um lado eram assimilados elementos da religiosidade brasileira, cristã, que tivessem semelhança com a doutrina da IMM por meio dos membros nativos, em contrapartida, para as lideranças e membros japoneses, este contato com uma nova cultura evidenciava lacunas ou fazia sobressair aspectos até então pouco relevantes para eles.

Em 2015, Teruko Sato, missionária que chegara ao Brasil em 1954 e se tornara responsável da Igreja Tupã e por consequência da difusão pioneira da IMM no interior de São Paulo, afirmou que no início entoava todas as orações e salmos em japonês, no entanto, o “maestro Wolf Schaia, teria lhe sugerido que, para que as pessoas pudessem melhor compreender a nossa doutrina para divulgação, seria importante, utilizar a oração cristã, que na época, a maioria da população compreendia. Desta forma foi introduzida nos fins da década de 60, a oração do “Pai Nosso” nos cerimoniais litúrgicos, fato este que permanece como traço presente do processo de inculturação.

Outros aspectos são os salmos do culto mensal de agradecimento da IMM, que embora existam no Japão, não são cantados na mesma cadência melódica, pois no Brasil ganharam a entonação de hinos fato este que deve ser atribuído ao trabalho dos precursores dos corais messiânicos, na primeira fase o maestro “Guilherme Wolf Schaia que atuou no período de 1965 a 1969; na segunda fase, Dalila Fernandes Alcântara, de 1969 a 1974” (ANJOS, 2016, p. 48).

Anjos destaca o fato de Wolf Schaia ter realizado, além do trabalho com o coral, significativa pesquisa dos salmos e ensinamentos de Meishu-Sama afim de criar novas composições musicais, o que “rendeu à Igreja um repertório litúrgico com músicas que se adequavam às características do Brasil, cujos textos eram baseados nos salmos e ensinamentos do fundador” (Ibid., p. 49).

Da parte de Wolf Schaia a composição de maior relevância, por sua perpetuidade no repertório litúrgico até o presente, é o Hino da Luz Divina. Dalila Alcântara também teve grande contribuição no sentido de adaptar os salmos do japonês para a língua portuguesa. O Salmo 18, cantando nos cultos de gratidão, é fruto de seu trabalho, no qual com o uso uma melodia de origem sueca, de domínio público, fez adaptações a um texto de Meishu-Sama (LUPERI, 2011, p. 28).

Outra interface desta interação se deu por parte da direção da IMM que buscou estreitar relação com autoridades eclesiais católicas em algumas das oportunidades em que o presidente mundial da instituição visitou o Brasil. A primeira delas em 09 de julho de 1972, oportunidade na qual uma liderança da IMM (sede geral), presidente Naoyuki Kawai, especialmente designado por Kyoshu-Sama, filha do fundador, desembarca no país com a finalidade de realizar visita missionária. Dentre as diversas atividades previstas constou o encontro com autoridades em Brasília, a realização de um congresso com 3000 membros de todo país no ginásio do Ibirapuera (SP) e na cidade do Rio de Janeiro onde ele e sua comitiva foram recebidos no Palácio São Joaquim pelo Cardeal Arcebispo Dom Eugenio Sales, no dia 13 de julho de 1972. Este fato demonstra a preocupação da IMM em manter uma rede de amplo relacionamento com outras religiões (O BRASIL..., 1972, p. 3).

Em maio de 1975 durante nova visita do reverendo Kawai o protocolo se repete com visita aos cardeais de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, e do Rio de Janeiro, Dom Eugênio de Araújo Sales, com quem já havia se encontrado em 1972 (MESSIÂNICOS..., 1975, p. 6).

O diálogo como a fé cristã e outros tipos de religiosidade estabelecidos no Brasil se configura ainda mais intenso no cotidiano da vida ministerial e no convívio comunitário dos fieis messiânicos, pois ainda hoje a realidade que se experimenta é o fato de que cada novo frequentador ou membro da IMMB traz

conseguiu uma trajetória de experiência religiosa e vivência do Sagrado. Por fim, tendo como base a abordagem teórica escolhida, como viés desta pesquisa, um conceito teológico cristão, o presente artigo objetiva também abrir portas para reflexões ulteriores.

Referências

ANJOS, E. S. *A passagem - Liturgia Messiânica: o rito da morte na IMM do Brasil e do Japão*. 2. ed. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2016.

APRIMORAMENTO espiritual dos membros. *Jornal Messiânico*, São Paulo, ano 3, n. 30, p. 6, 15 mar. 1975.

AULA de conversação em japonês. *Glória*, São Paulo, n. 33, dez. 1968, p. 27

BARBIERI JÚNIOR, J. A grande experiência. *Jornal Messiânico*, São Paulo, ano 1, n. 12, p. 6, 07 set. 1973.

BARBOSA, I. Superando a si mesmo. *Rio de Luz*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 29, p. 11, jul. 1997a.

_____. Um imenso e sagrado solo. *Rio de Luz*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 32, p. 11, out. 1997b.

O BRASIL ao ministro Kawai, com carinho. *Jornal Messiânico*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 3, 07 set. 1972.

COMUNICAÇÕES. *Glória*, São Paulo n. 38, p. 8-9, mai. 1969.

CORRESPONDÊNCIA. *Glória*, São Paulo, n. 32, nov. 1968, p. 34-35.

CRIADO um órgão diretor da Messiânica na América Latina. *Jornal Messiânico*, São Paulo, ano 4, n. 48, p. 3, set. 1976.

DA VIBRAÇÃO dos estádios à emoção de pisar o Solo Sagrado. *Jornal Messiânico*, São Paulo, ano 1, n. 9, p. 6-7 de jun. 1973.

O ENCONTRO com os missionários. *Jornal Messiânico*, São Paulo, ano 3, n. 25, p. 7, 01 out. 1974.

OS ENSINAMENTOS ao alcance de todos. *Jornal Messiânico*, São Paulo, ano 3, n. 27, p. 6, 10 dez. 1974.

ESTES jovens são um exemplo de dedicação e de fé. *Jornal Messiânico*, São Paulo, ano 1, n. 8, p. 7, 07 mai. 1973.

FERREIRA, J. Johrei cura sem remédios. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 38, n. 35, p. 22, 02 jun. 1966.

FUNDAÇÃO MOKITI OKADA. *Luz do oriente*: v. 3. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2003.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, 1989, p. 14 apud MIRANDA, M. de F. *Inculturação da fé*: uma abordagem teológica. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

A GUANABARA realiza o primeiro congresso de jovens messiânicos. *Glória*, São Paulo, n. 42, p. 22-23, set. 1969.

GRANDE expansão da Messiânica no Nordeste. *Jornal Messiânico*, São Paulo, ano 1, n. 7, p. 3, 07 abr. 1973.

IGREJA Liberdade foi ao Rio e aprendeu muito com os messiânicos de lá. *Jornal Messiânico*, São Paulo, ano 1, n. 8, p. 5, 7 mai. 1973.

OS JOVENS na multiplicação da fé. *Jornal Messiânico*, São Paulo, ano 2, n. 17, p. 4, 10 fev. 1974.

LUPERI, R. A. B. *História dos corais da Fundação Mokiti Okada*. São Paulo, 2011.

A LUZ de Deus ilumina o Norte e o Nordeste. *Jornal Messiânico*, São Paulo, ano 2, n. 19, p. 8, 10 abr. 1974.

MALHEIROS, Sylvio. *Glória*, São Paulo, n. 33, dez. 1968, p. 39.

MARTINI, D. A. T. *Aulas de português para os messiânicos*. *Jornal Messiânico*, ano 1, n. 3, São Paulo, p. 2, 07 de novembro 1972.

MEISHU-SAMA. *Ensinamentos de Meishu-Sama*: Coletânea Alicerce do Paraíso, v. 1; Organização e tradução IMMB, 6. ed. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2016.

_____. *Ensinamentos de Meishu-Sama*: o homem, a saúde e a felicidade. Coletânea Alicerce do Paraíso v. 3; Organização e tradução IMMB, 5. ed. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2008.

MESSIÂNICOS e católicos apertam-se as mãos. *Jornal Messiânico*, São Paulo, ano 3, n. 33, p. 6, 01 jun. 1975.

METZ, J. B. *Unidade e pluralismo, problemas e perspectivas da inculturação*. In Concilium, 224 (1989), p. 78. In *Ibid.*, p. 170 apud REIS, J. L. *A acolhida da fé no contexto multicultural: contribuições da teologia de Rahner para o crer hoje*. Rio de Janeiro: 2010.

MIRANDA, M. de F. *Inculturação da fé*: uma abordagem teológica. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

PARTEM nossos jovens em busca de uma fé adulta. *Jornal Messiânico*, São Paulo, ano 2, n. 20, p. 6, 10 mai. 1974.

PERSPECTIVA TEOLÓGICA (EDITORIAL). Inculturar a fé, evangelizar a cultura, n. 110, jan./abr. 2008, p. 6. apud REIS, J. L. *A acolhida da fé no contexto multicultural: contribuições da teologia de Rahner para o crer hoje*. 2010. 260f. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da bíblia na igreja*. Paulinas. São Paulo:1994.

REIS, J. L. *A acolhida da fé no contexto multicultural: contribuições da teologia de Rahner para o crer hoje*. 2010. 260f. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SHODA, Nobuhiko. *Glória*, São Paulo, n. 35, fev. 1969, p. 12.

TERRIN, A. N. *Introdução ao estudo comparado das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2003.

TOMITA, A. *Religiões japonesas e a igreja messiânica no Brasil: integração religiosa e cultural*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

WATANABE, T. *O cultivo da felicidade*. São Paulo: Editora Mokiti Okada, 2015.

YAMAMOTO, K. O aprimoramento dos ministros brasileiros. *Jornal Messiânico*, São Paulo, ano 3, n. 31, p. 2, 10 abr. 1975.

Artigo recebido em 21 de setembro de 2017
e aprovado para publicação em 9 de novembro de 2017

Como citar:

REIS, Jair Luis; MAGALHÃES, Breno Corrêa. A experiência da inculturação da fé da Igreja Messiânica Mundial no Rio de Janeiro. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 32, p. 273-296, jul./dez. 2017. ISSN 1677-7883. Disponível em: <www.revistacoletanea.com.br>.